

PRODUÇÃO ORGÂNICA DE LEITE

Esteja atento para não entrar em uma aventura econômica com final frustrante

Artur Chinelato de Camargo*, André Luiz Monteiro Novo* e Marcelo de Figueiredo e Silva**

A discussão sobre a produção de alimentos orgânicos traz em seu bojo desconhecimento, idealismo e romantismo. É preciso discutir o assunto profissionalmente, sem paixões, ideologias e teorias que beiram a insanidade. A produção de alimentos de forma convencional ou de maneira orgânica deverá ter como premissa a eficiência ao longo do processo. Não há espaço para a produção de alimentos de modo ineficiente em um planeta que precisa alimentar 220 mil pessoas a mais a cada final de dia (balanço populacional entre os que nascem e morrem no planeta Terra).

As Instruções Normativas nº 46, de 6 de outubro de 2011, e nº 17, de 18 de junho de 2014, ambas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, regulamentam a produção de alimentos em Sistemas Orgânicos de Produção, devendo ser lidas para quem deseja ingressar neste universo.

As técnicas para a produção orgânica não podem ser resumidas a simples substituição dos insumos não permitidos por aqueles que têm seu uso autorizado. Nem tampouco os interessados devem ser seduzidos, apenas, pelo maior valor de mercado obtido na venda do produto. Elas envolvem conceitos antigos que vêm se perdendo ao longo do tempo pelos produtores/agricultores “modernos”. As técnicas convencionais de produção atuais trazem facilidades operacionais indiscutíveis, porém perde-se a capacidade de observação, a sensibilidade para uma análise mais profunda e sistêmica do que, de fato, ocorre em cada uma das áreas de produção. O aparecimento de determinadas plantas que não são as de interesse comercial, as chamadas daninhas, não leva a um questionamento do porquê desse surgimento indesejável, se seria um problema físico do solo (compactação), um desbalanço químico, com excesso e/ou falta



de determinados nutrientes. O mais prático é o seu extermínio com a utilização de herbicidas. Pronto! Fim do problema. Será?

A simples produção de leite em um modelo extrativista não pode ser considerada como produção orgânica por ser ineficiente do ponto de vista econômico, tecnicamente indefensável, socialmente injusta e ambientalmente insustentável. No caso da atividade leiteira, chega-se ao absurdo de achar que soltar vacas em uma pastagem cheia de cupins, formigas, assa-peixes, leiteiros e sulcos de erosão, deixando-as, literalmente, “caçar” seu próprio alimento, possa ser caracterizado como uma produção orgânica de leite. Não há nada de orgânico em ter 200 hectares de terra e 200 vacas em lactação, e delas extrair mil litros diários, é, sim, uma ineficiência brutal

e uma agressão ao ambiente que se esconde atrás do *slogan* de produção “natural” ou “orgânica”. Quem produz desse jeito é tudo, menos orgânico. É um sujeito desmazelado que encontrou uma forma de transformar seu desleixo em “negócio”, tendo como aliados leigos que cultuam essa forma de produzir como se natural fosse, repetindo esse discurso como mantra.

Segundo o trabalho intitulado “Caracterização da produção orgânica de leite em algumas regiões do Brasil”, de Aroeira e colaboradores, publicado pela Revista Isto É em 2005, os pesquisadores da Embrapa levantaram dados em dez propriedades produtoras de leite orgânico. O rebanho médio era constituído por 76 vacas, sendo que, destas, 41 estavam em lactação, ou seja, 54%

de vacas em lactação, quando o índice a ser buscado é de 83%. O rebanho total era composto por 164 cabeças, o que significava que havia apenas 25% de vacas em lactação no rebanho, quando o índice deveria ser de, no mínimo, 50%. A produção média levantada foi de 9,2 kg de leite na época das chuvas, caindo para 8,2 kg de leite na época seca do ano. Com esses dados, é possível calcular quanto o produtor médio estaria deixando de ganhar, sem que fosse mudada a estrutura do rebanho e a média de produção, apenas alterando a proporção entre vacas em lactação e vacas secas. Siga os cálculos.

Um índice que deve ser perseguido incansavelmente na atividade leiteira, seja ela qual for, é de 83% de vacas em lactação, resultado de um período de lactação de dez meses, dividido por um intervalo entre partos de 12 meses. Atingir essa meta é difícil, pois só é possível quando as vacas têm acesso à nutrição equilibrada, conforto adequado e sanidade impecável, mas deve-se buscá-lo sempre em qualquer sistema de produção. Apenas alterando esse índice, a propriedade orgânica média, em vez de 41 vacas em lactação, deveria estar ordenhando, diariamente, 59 vacas,

Foto: Ana Maio



André Luiz informa que, na atividade leiteira, seja ela qual for, 83% das vacas devem estar em lactação

significando 18 vacas a mais produzindo leite todos os dias. Multiplicando essa quantidade de vacas pela média de produção, que foi de 8,7 kg de leite entre períodos de seca e chuvas, chega-se ao diferencial de 156 litros de leite que deveriam ter sido produzidos diariamente, e não foram. Multiplicando por 365 dias, tem-se a quantidade de 56.940 litros de leite por ano que deixaram de ser produzidos.

A indústria de alimentos Nestlé, desde o início de 2017, se interessou pela produção

orgânica de leite, adaptando sua planta industrial em Araraquara/SP para receber esse tipo de leite. Contratou por volta de 35 produtores de leite da região a fim de converterem produções convencionais em orgânicas, contando com a empresa IBD Certificações, de Botucatu/SP, para certificar os produtores e a Fundação Mokiti Okada, de Ipeúna/SP, para prestar assistência técnica continuada a eles. Ao longo do período de conversão, a indústria compradora de leite firmou com

PENCIL PRONTO

A PENICILINA QUE LEVA AS INFECÇÕES A NOCAUTE!



- ✓ Pronto para uso e fácil de usar
- ✓ Age rapidamente aliviando os sinais da doença
- ✓ Combate a infecção e a dor, retornando os animais mais rápido a produção



CALBOS
Saúde Animal

Consulte sempre um Médico Veterinário

(41) 3333-7920 - comercial@calbos.com.br - www.calbos.com.br



Para Marcelo Figueiredo, mantido o conceito atual proposto, os produtores com menos de 20 hectares não têm como sobreviver com produção orgânica

os produtores o compromisso de que o preço pago a eles seria o levantado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Agrícola) da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, pertencente à Universidade de São Paulo – campus Piracicaba) acrescido de 50%. Assim, se o preço Cepea no mês for, por exemplo, de R\$ 1,20, o valor pago aos produtores orgânicos de leite em conversão e aos já convertidos será de R\$ 1,80/litro para o leite orgânico. A expectativa é que, quando todos os produtores estiverem certificados, o volume entregue dobre a produção de leite orgânica brasileira, hoje em torno de 20 a 30 mil litros diários. Iniciativas como essa trazem grandes benefícios para a cadeia, atraindo o interesse de empresas pro-

dutoras de insumos (fertilizantes, controle biológico, homeopáticos, nutrição animal), que enxergam clara oportunidade de negócios em um nicho crescente a ser explorado e desenvolvem, também, outras cadeias, como as dos grãos orgânicos e convencionais não transgênicos – milho e soja, principalmente –, cuja oferta ainda é muito pequena.

Retornando aos cálculos, o produtor médio de leite orgânico, caracterizado no levantamento citado, deixou de ganhar R\$ 102.492,00 por ano, graças aos conceitos distorcidos do que é produção sustentável ou orgânica de leite. Deixar de ganhar dinheiro não tem nada de orgânico, natural ou bonito. Ou será crime desejar ter lucro?

Outra informação extraída do levantamento efetuado em 2005: a área média ocupada pela atividade leiteira era de 138 ha. Considerando a produção média diária de 357 litros (41 vacas em lactação multiplicado por 8,7 kg de leite por vaca em lactação), a produtividade da terra era de 944 kg de leite por hectare por ano – menor que a média brasileira, que gira em torno de 1,2 mil kg de leite/ha/ano. Com essa produ-

tividade da terra, esses produtores não terão poder de competitividade em relação a qualquer atividade agropecuária. Considerando o mesmo valor do preço do litro de leite (R\$ 1,80), a renda bruta por hectare seria de R\$ 1.699,20. Supondo margem bruta exagerada de 40%, a renda líquida seria de R\$ 679,68 por hectare por ano, abaixo do que as usinas de álcool e açúcar pagam pelo arrendamento da terra para o plantio de cana-de-açúcar, que está ao redor de R\$ 800,00 a R\$ 1,2 mil por hectare por ano.

Por fim, mantido esse conceito extrativista e de não uso de técnicas, produtos e processos já amplamente consagrados em sistemas de produção desenvolvidos e eficientes, os pequenos produtores de leite, com menos de 20 hectares de terra, não teriam como sobreviver com a produção orgânica de leite.

A Fazenda Nata da Serra, em Serra Negra/SP, tradicional produtora orgânica de leite, mantinha índices de produtividade semelhantes aos dados levantados em 2005, mas, a partir de 2007, vem buscando melhorá-los. Sua produção inicial – que era de 250 litros de leite extraídos de área de 45 hectares e, consequentemente, produtividade de pouco mais de 2 mil litros de leite por hectare por ano – pulou para 1,4 mil litros de leite em 2017, reduzindo a área explorada para 25 hectares e conseguindo atingir a produtividade de 20 mil litros de leite por hectare por ano. Com essa redução de área e melhora significativa nos índices zootécnicos, além de passar a ter renda muito superior, pode destinar mais áreas para recuperação de matas ciliares a áreas de proteção permanente.

Finalizando, a produção orgânica organizada e eficiente, por ser mais complexa devido à impossibilidade de utilização de insumos como fertilizantes químicos, defensivos agrícolas e medicamentos alopatócos, é mais onerosa. Custa por volta de 30% a 40% a mais para se produzir em relação à produção convencional, o que se reflete em um preço mais elevado ao consumidor. Caso o produtor de leite convencional ou “neoprodutores” de leite resolva entrar para o mundo da produção orgânica, será preciso ter em mente que, caso não detenham o mercado consumidor, ou seja, se não tiverem para quem vender claramente definido, estarão incorrendo em uma aventura econômica de final previsível e frustrante. 

**Artur e André são pesquisadores da Embrapa Pecuária Sudeste – São Carlos/SP*

***Marcelo é pesquisador da Fundação Mokiti Okada – Ipeína/SP*



Segundo Artur Chinelato, a produção orgânica eficiente, por ser mais complexa devido à impossibilidade de utilização de insumos e medicamentos alopatócos, é mais onerosa